

JIRAYA

DE
MANGAS
CURTAS

BRUNO LEITE



JIRAYA

DE
MANGAS
CURTAS

BRUNO LEITE



Em memória da vó Lenira.

SUMÁRIO

Obrigado, Michel Temer	08
Dor (de ouvido)	12
Curitiba, 7 de novembro de 2031	14
BH, 8 de julho de 2014	18
Boom imobiliário	20
Rocky venceu	24
Forças ocultas	26
Almoço de publicitário	28
Epidemia Duplo Joia	32
Gambiarra supimpa	36
Curitiba, 15 de janeiro de 1996 e 2016	38
Ofensa	42
Canallice antes dos 12	46
7x1 versus 1x7	50
Sujeito oculto	54
Apelidos	58
Mentira	62
Presente romântico	66
Aumento	70
Saudade	74
Identidade	76
Negociando com os deuses	80
Feliz para sempre	84
1994	88
A maior derrota do mundo	92
Desvios de caráter	96
O liquidificador assassino	100
Canalha	102
O discurso do dia em que fui padre de um casamento	106
Barbeiro	108
Currículo	110
Brigas	114
Entrevista top	118
Lavanderia Vovó Júlia	120
Carta para as carinhas de amor	124
Julia da Costa, 1181	128
Jiraya de mangas curtas	132
Autoentrevista	138

OBRIGADO, MICHEL TEMER

Acho que eu sou um cara de sorte. Não em tudo nessa vida, mas, ao menos, nas leituras. A grande maioria dos livros que li, mesmo os chatos, eram muitíssimo bem escritos. Isso desencadeou em mim uma culpa danada quando resolvi juntar alguns textos e colocá-los em páginas sequenciais precedidas de capa e finalizadas por contracapa, dando ideia de que aquilo seria um tão sagrado livro.

Deixei a culpa tomar conta. Fiz o livro, mas, na hora de divulgar, alertei os conhecidos em anúncios no Facebook. “Se livro ruim fizer tanto sucesso quanto música ruim, este vai ser um best-seller.” “Serve como apoio de monitor, calço de mesa bamba e, na pior das hipóteses, para ler.” “O brasileiro lê 2,1 livros por ano. Este é o que vale 0,1.”

A tática de denegrir a própria obra até que deu certo. A maioria dos amigos que leu “Contos, crônicas e um continente à sua escolha”, nem que fosse para me agradar, falou que curtiu alguma coisa naquelas linhas. (Com exceção do pai de uma amiga que ofendeu com veemência e até hoje não sei por que ela me contou. E o cara nem pagou, folgado da porra.)

Eis que, em uma manhã, navegando pela rede mundial de computadores, esbarro no link do livro de poesias do Temer e cometo a grande bobagem de comprar. Eu já tinha visto algumas poesias em deboches internéticos, mas quis ver mais.

Putaqueospariu! O presidente da República chama “Não. Nunca mais.” de poesia. E usa essa caralha dessa frase para preencher uma página inteira do objeto que outrora eu considerava sagrado. E ele vai além: “Um homem sem causa nada causa.”, “A solidão é a melhor companhia.”, “Se eu pudesse, não continuaria.”

E eu com vergonha dos meus humildes textos. Quer saber? Escrevi outro livro. E, dessa vez, não tem divulgação auto-ofensiva. Ainda não será aclamado pela crítica. Mas, como diria Woody Allen, não quero ser

imortal pela minha obra. Quero ser imortal não morrendo nunca.

Em todo caso, fica meu agradecimento ao presidente.
Obrigado, Michel Temer. Obrigado pela dose de autoestima.

DOR (DE OUVIDO)

Nunca pensei que um dia diria isso, mas deu saudade das minhas dores de ouvido da infância. Elas foram inúmeras. Bastava entrar numa piscina ou no mar e... dor de ouvido! Comprei tampão, usei algodão com óleo, mas nada dava jeito. Era uma verdadeira comoção da minha mãe e da minha avó para fazer eu melhorar. Com dez anos, eu não percebia. Mas ali, naquela minha pequena dificuldade, eu recebia o maior carinho do mundo.

Esses dias, eu voltei da praia e tive novamente uma infecção no ouvido. Acho que vou ter isso para sempre. Mas, para ser sincero, nem doeu tanto. O que doeu de verdade foi não ter mais os cuidados das duas mulheres mais importantes da minha vida.

Vai com Deus, vó Lenira. Agora, você e a mãe cuidam de mim aí de cima.

CURTIBA

7 DE
NOVEMBRO
DE 2031.

— Silêncio, crianças. Silêncio! Bom dia!

A aula de hoje é de História do Paraná. Vamos estudar a Batalha contra os professores. Abram seus livros na página 88. Como vocês podem ver, no dia 29 de abril de 2015, houve uma grande manifestação dos professores do Estado para tentar barrar uma votação que mexia na previdência deles. A ideia do governador da época era pegar o dinheiro que os professores pagavam mensalmente para garantir suas aposentadorias e usar essa verba para diminuir dívidas.

— Mas, profe... Eram dívidas dos professores?

— Não, não. Eram dívidas do governo.

— Então o governo tava devendo e aí tirou o dinheiro dos outros para pagar?

— Isso.

— Ixi. E essas fotos no livro? Bateram nos professores?

— Teve bastante violência.

— Nossa! Mas quem mandou fazer isso?

— O governador.

— E quem era? Tá preso? Ainda tá vivo?

— Tá vivo sim. É o senador que acabou de ser eleito, o Beto Richa.

— Foi o Beto Richa que fez tudo isso? E mesmo assim votaram nele agora?

— Para você ver.

— Eita. Minha mãe votou no Beto. Falou que ele era bom. Acho que não entendi nada, professor.

— Eu também. Nunca vou entender.

— Mudando de assunto, esse da foto que tá sangrando no rosto deve ter ficado com o olho esquisito igual ao seu, hein. Hehe. Brincadeira!

— Esse sou eu!

— Uia! Sério? Foi mal!

BH, 8 DE JULHO DE 2014

Acordei lá pelas 11h. Estava em um hotel com o meu irmão. Era nosso único dia inteiro em BH. Levantei, tomei um banho, coloquei a camisa canarinho e fomos almoçar em um restaurante típico local. O rango estava ótimo e acabou cedo. Na verdade, não havia muito o que enrolar. Pegamos um táxi rumo ao Mineirão. O taxista ouvia uma rádio esportiva. Era dia de semifinal de Copa, mas os radialistas insistiam em falar apenas de Cruzeiro e Galo. E ainda contavam com umas imitações humorísticas de gosto duvidoso.

Descemos no limite de onde os carros podiam chegar e caminhamos rumo ao Mineirão. Entramos bem cedo e eu logo peguei um refri para ter o copo do jogo como recordação. Tinha bastante tempo para chegar a tão aguardada hora de a bola rolar. Tomamos umas cervejas, vimos o estádio encher e a empolgação só aumentava.

Começa o jogo e o Brasil tem os primeiros lances de ataque. Tudo dentro do script. Sai o primeiro gol e penso: eles meteram 1x0 na França e seguraram o resto do jogo. Vai ser duro. Eles fazem 2x0 e penso: para passar, vai ter que ser uma virada histórica. Eles fazem 3x0 e lembro do Milan x Liverpool querendo acreditar que poderíamos repetir a história dos ingleses. 4, 5 e já nem consigo mais raciocinar. Fico atordoado com o que estou vendo e assim continuo até o intervalo. Ali, a conclusão: bem ou mal, estava vendo a história. Sai o sexto e já me acostumei com o vexame. O sétimo eu nem vejo. Acho que o chute do Schürrle bate na trave e sai, e só percebo o gol quando toda a Alemanha volta para trás do meio campo. O Oscar faz o do Brasil e a torcida comemora, em tom de deboche. Fim de jogo. Ficamos sem reação. Por mais de uma hora, continuamos no Mineirão. Até que decidimos ir embora. A ideia: encher a cara em clima de fossa. Tinham dito para a gente que bar em BH era na Savassi. Fomos para lá. E aí a surpresa: estava rolando um carnaval de rua por aquelas bandas. Trio elétrico, música ruim e um monte de gente feliz (?). Não era bem essa a nossa ideia. Bora para o hotel.

Cliente:

– Então... Eu tava pensando num apartamento, mas pode ser casa num condomínio de luxo. O importante é que tenha bastante espaço e seja numa área nobre.

Corretor:

– Deixa com o beque!

Duas semanas depois, cliente e corretor vão juntos de carro visitar o imóvel ideal. Eles passam por uma estrada de terra e chegam em um barraco capenga dentro da favela.

Corretor:

– Chegamos!

Cliente olha para o lado, fica desconfiado e amedrontado com a vizinhança. E diz:

– Tem certeza que é aqui? Às vezes tem duas ruas com o mesmo nome...

Corretor:

– Não, não. É aqui mesmo.

Cliente:

– Mas é que isso aí é um barraco...

Corretor:

– Que isso! É uma arquitetura mais rústica, mesmo. Esse negócio de grade, interfone, tá muito cafona... Vamos entrando que você vai se surpreender.

Eles entram.

Cliente:

– É... Tem alguma passagem secreta ou é só isso, mesmo? Não tem parede nem pro banheiro?

Corretor:

– É isso aqui, mesmo. É que esse é um loft. É uma tendência de Bauhaus.

Cliente:

– Sei, mas é meio apertadinho, né?

Corretor:

– O quê? Acabei de vender um apartamento em Mônaco pro Felipe Massa. Pelo triplo do preço em euro e metade do tamanho. E nem era loft.

Cliente:

– Tá. Mas é que eu tava pensando num lugar mais seguro...

Corretor:

– Como é? Mais seguro? Aqui não tem assalto, segurança da polícia 24h. É só pagar um condominiozinho que é o lugar mais seguro do mundo...

A vizinhança começa a fazer um estardalhaço e o cliente enfim parece ter achado a desculpa perfeita para sair dali.

Cliente:

– Tá certo, você tem razão em tudo. Mas não vai dar para conviver com essa barulheira não. Acho melhor irmos embora e outro dia a gente se fala.

Corretor:

– Ué? Mas você não queria uma área nobre?

Cliente:

– Sim...

Corretor:

– Então! Esse barulho é a elite branca batendo panela contra a Dilma. Vamos fechar esse negócio?

Corretor estende a mão.

ROCKY

VENCEU

Eu adoro o Oscar. Mas eu odeio o Oscar. Eu adoro porque ele me leva a assistir diversos filmes que poderiam passar batidos. O Menino e o Mundo é um exemplo. Eu odeio porque, quando resolvo torcer por alguém na premiação, obviamente esse alguém sai derrotado. Foi assim com Intocáveis, que não foi indicado nem a filme estrangeiro num ano em que o fraco Argo levou melhor filme. Foi assim com Lobo de Wall Street, foi assim com Boyhood e, nesse ano, foi assim com Balboa, que concentrou toda minha torcida pela estatueta de ator coadjuvante.

Stallone já vinha sendo reconhecido na maioria dos festivais. 2016 era o ano de dar um Oscar a ele. Foi, provavelmente, a última chance de a Academia premiar a sua atuação como um dos personagens mais carismáticos do cinema. Mas a estatueta acabou indo para o espião russo do Spielberg.

Fiquei puto. Desliguei a TV e, para mim, aquela patacoada acabou ali. Mas aí eu entrei no Twitter. Vi a repercussão do evento no Facebook. Li alguns críticos. E então foi impossível não lembrar das maiores vitórias de Rocky Balboa.

Rocky sai aclamado da primeira luta contra Apollo Creed, apesar de não faturar o cinturão. O mesmo acontece quando, com mais de 50 anos, ele enfrenta o campeão Mason Dixon e consegue manter uma luta parelha. Moral da história: não são os juizes com as suas papeletas frias que decidem se Rocky venceu ou não. Essa é uma decisão do público. E, enquanto Mark Rylance pegava seu troféu, o mundo gritava: Rocky! Rocky! Rocky!

FORÇAS OCULTAS

No último sábado, venci as forças ocultas que me fazem não conseguir acordar de manhã em fins de semana. O motivo? Depois de 13 anos da frustração por não ter passado na UFPR, fui chamado para dar uma palestra para os alunos de comunicação de lá.

Galera gente fina, tudo sob controle, até que, no meio de uma fala, avisto um cidadão com o pescoço jogado para trás da cadeira, uma boca tão aberta que dava pra ver suas duas obturações e um siso superior que acabara de nascer. Além disso, o sujeito permanecia de olhos fechados. Ao perceber que ele respirava, pensei: o desgraçado tá dormindo na minha palestra!? Ah, feladaputa!

A primeira ideia é a vingança. Cogito gritar, dar um susto no rapaz, só para vê-lo acordar apavorado. Mas, nesse instante, me lembro de poucos meses atrás. Cannes Lions, palestra de Alejandro Iñárritu. Eu queria muito ver. Fui cedo para a fila, consegui um lugar no teatro lotado. Comecei a assistir. Mas era mais forte do que eu. Me entreguei e dormi. Acordava, tentava ver um pouco mais, mas as pálpebras pareciam ser puxadas por duas bigornas. E, então, me senti lisonjeado pelo sonolento rapaz. Ele poderia estar na cama, dormindo tranquilão, mas não. Programou alarme, saiu cedo de casa e fez o que pôde para estar ali. Porém, a vida é difícil. Não é sempre que se vencem forças ocultas.

ALMOÇO DE PUBLI- CITARIO

— E aí...Tudo bom, meu querido? Quanto tempo! Parabéns pelo [nome de prêmio]. Ducaralho!

— Fala, véio! Beleza!?! Pô, valeu! Cara, acho que não te vejo desde que você saiu da [nome de agência].

— Pois é! Era massa aquela época, né?

— Tempo bom, mesmo. E os trabalhos também.

— É verdade. A gente virava noite, brigava com atendimento, corria atrás de tudo, mas dava certo.

— E ainda temos história pra caramba.

— Isso é verdade. Era muito engraçado quando você colocava pasta de dente no telefone do [nome do coleguinha] e ligava para o ramal dele. O cara sempre caía! Hahaha!

— Nossa, nem lembrava dessa. Sensacional! Hahaha!

— E inverter a posição do açúcar e do sal?

— Caramba! Não sei como não perdemos conta por isso. Os caras serviam café salgado pros clientes. Hahaha.

— Lembra de uma parada nojenta que o [nome do coleguinha] fez?

— Do papel higiênico? Lembro mais ou menos.

— O cara pegou chocolate derretido, passou numa tira de papel higiênico, grudou no tênis e saiu andando pela agência. Quando avisaram, ele tirou, passou o dedo no chocolate e deu uma lambida.

— Hahahahaha, lembrei! Cara, o [nome do coleguinha] é gênio! Gênio! Demais isso.

— Hahaha. (Silêncio) Pô! E a pergunta clássica: comé que tá lá?

— Putz, uma merda. Uma doideira de ficar virando noite, atendimento manda na criação e os caras simplesmente não ajudam a levantar peça maneira. Sério, parece que a [nome de agência] nem tem interesse nisso.

— Que droga!

— Então, se souber de alguma vaga, avisaê que tô querendo pular do jipe.

— Pode deixar.

— Estrogonofe?

— Meu!

— Feijoadá?

— Para mim.

— Bom apetite!

EPIDEMIA

DUPLO JOIA

Se você é ou já foi jovem, sabe que diversos senhores entre 42 e 58 anos querem parecer super descolados ao posar para um retrato. Uma das formas mais utilizadas para tentar mostrar desenvoltura e malemolência é o duplo joia.

O duplo joia provavelmente surgiu como um protesto legítimo daqueles que, quando crianças, tiravam fotos de terno e com semblante sisudo, acompanhando toda família, que também se mantinha mal-encarada. Eis que um visionário rebelde resolveu dizer:

— Chega! Basta! Vou abrir meu sorriso largo e mandar não um, mas dois joias com as minhas mãos. Eu sou muito massa!

De fato, esse gênio não reconhecido pela história mudou o comportamento humano. Vide Facebook e Instagram, onde todos transbordam bom humor e alegria. Mas estes mesmos amigos internautas, seguidores do Movimento Fotos Felizes, passaram a condenar com todas as forças o duplo joia. E não estou aqui para apontar dedos. Eu sou um deles.

Em uma festa junina de 2014, um amigo resolveu tirar foto fazendo hang loose para frente em tom de deboche. Eu fui de duplo joia, também me colocando num pedestal acima de tal ação. Menos de um mês depois, meu irmão encontrou um colega de colégio e foi tirar uma foto para registrar o momento. Na hora em que o rapaz fez um duplo joia extremamente natural, mentalmente, condenei o sujeito para sempre como um ser inferior e asqueroso.

Daquele momento em diante, comecei a tirar diversas fotos que eu considerava toscas fazendo duplos joias. Em frente a uma loja da Amway, em frente a construções, em frente a placas diversas, carros importados. E, assim, a cada passo, eu subestimava um pouco mais o poder do duplo joia.

Quando percebi, já não sabia mais viver sem o movimento que originou o botão Like/Curtir. Tornou-se automático. Bom dia? Duplo joia. Tchou? Duplo joia. Foto? Duplo joia. Danou-se!

Um dia desses, cheguei num bar onde fui encontrar duas amigas. Antes do tradicional beijinho no rosto, já estava lá mandando os polegares para cima. Percebi que uma delas deu uma risadinha e estranhou o movimento de dedos. Eis que, depois da bebedeira, lá estava ela posando para uma foto com os polegares apontando para o céu. Perigo! A epidemia do duplo joia é uma realidade e também pode contagiar você.

O mesmo fenômeno é visto com os risos “kkkkk” na internet. Tome cuidado.

GAMBIAARRA

SU-
PIMPA

Era um cambalacho pomposo, com muita malemolência, cheio de bugigangas e quitutes para as patotas, até que a jiripoca piou e a pocilga se tornou um pandemônio.

A balbúrdia começou quando uma songamonga serelepe serviu um cacareco que ela teve a pachorra de chamar de brusqueta. A rainha da petulância ainda teve o disparate de dizer que buscou tal mequetrefe iguaria lá na Cochinchina.

O despautério deu ziquizira. Após tal peripécia, o capiroto atacou e um camarada teve um revertério seguido de piripaque e foi para o bebeléu.

O siricutico que teve início na esbórnia foi parar no xilindró, onde fez-se um escarcéu.

CURTIBA 15 DE JANEIRO DE 1996 E 2016.

Olá, Bruno de trinta anos. Tudo bem? Comigo tá tudo ótimo. Acabei de ter a festa de aniversário mais legal de todas. Veio todo mundo, ganhei presentes, ouvimos Mamonas Assassinas sem parar. Até que a mãe tirou o disco e colocou Rolling Stones. Aliás, isso é uma coisa que tenho que cobrar de você. Faz a mãe começar a ouvir outras coisas. Convince ela a esquecer Rolling Stones. Sério, não aguento mais ouvir isso o dia todo. Outra coisa, eu sei que você nunca vai competir com as notas do Dado no colégio, mas, no videogame, melhora um pouco, cara. Pelo menos no futebol virtual você tem que ganhar dele. Eita, que bobagem. Eu falando de joguinho com um senhor de 30 anos, hehe. Você já deve estar casado, com filhos, numa dessas rico. Pode ter mudado tudo nesses anos, só não inventa de virar a casaca, ainda mais agora que o Atlético é campeão. Da segundona, mas campeão. Ah, sei que é difícil, mas se a vó Lenira ainda estiver aí com você, manda um beijo. E não esquece que a festa do centenário dela vai ser na Disney. Um abraço, Bruno de dez anos.

Olá, Bruno de dez anos. Comigo está tudo bem e sei que com você também. Aproveita as últimas horas desse seu aniversário. Até hoje é o meu preferido. E até a parte que você achou chata se tornou uma doce saudade. Mas isso eu explico daqui a pouco. Primeiro, quero te deixar feliz: você ganha mais do que perde disputas futebolísticas virtuais contra o Dado. Videogame, fantasy (tipo um Elifoot, só que mais legal), você é sempre favorito. Mas calma, não se anime muito. Desde os Jogos da Primavera até o vestibular, passando pelas gata, o Atlético (não virei a casaca) e disputas profissionais, você vai perder muito, muito mais do que ganhar. Eu sei que isso parece péssimo. Mas não fique triste. Com o tempo, você vai perceber que é o acúmulo de derrotas que deixa as vitórias tão gostosas. Putz, essa frase motivacional entrega que virei tiozão. Droga! Mas deixa eu explicar como você passou a adorar Rolling Stones. A mãe nunca parou de ouvir, não cumpri a sua missão. Porém, há pouco mais de 4 anos, ela nos deixou. Poucas horas antes, a gente colocou para tocar o último Stones da vida dela. Foi o último sorriso da dona raquel-com-cê-agá-Rachel. Apesar de toda dor da perda, esse pequeno momento vai fazer você ver beleza no dia mais triste da sua vida. Agora, cada vez

que ouço essas músicas que você ainda não suporta, é como se a mãe estivesse por perto de novo. Inclusive, no mês que vem, vou com o Dado no show do Rolling Stones. Não vejo a hora. Outro pedido seu que não vou poder cumprir é o beijo na vó Lenira. Você já imaginava, né? Mas fique felizão que ainda tem mais de 19 anos para curtir ela. Aproveita, que vai dar uma baita saudade. Para terminar a sessão de spoilers, você não casou, não tem filhos, não ficou rico. Mas vai ver o Atlético ser campeão brasileiro. Espero que eu também (depois pergunto pro Bruno cinquentão). Um abraço, Bruno de trinta anos.

OFENSAS

— Carlos?

— Eu.

— Por favor, por aqui...

Entram na sala de reunião.

— Então, Carlos. Como você sabe, a gente está com uma vaga para jornalista do caderno cultural do portal. Bom, vou fazer umas perguntas para conhecer um pouco melhor a sua personalidade e ver se bate com o que a gente espera. Tudo bem?

— Tá certo.

— Você gosta de artes plásticas?

— Gosto muito. Sou um grande apreciador das obras do Romero Britto, acho fascinantes.

— Ah, legal. E música?

— Música, curto clássicos nacionais. Capital Inicial, Jota Quest, Ira!, e por aí vai. Ah, Engenheiros do Hawaii, claro... Você gosta?

— Vamos deixar meu gosto de lado. E cinema?

— Cinema, sou superfã de comédias românticas. Se tiver o Adam Sandler ou o Ben Stiller, melhor ainda. Vejo todos os filmes deles. São geniais!

— Ok. Literatura?

— Basicamente, Paulo Coelho e autoajuda.

— Televisão?

— Gugu e João Kléber são meus preferidos! Novela, Luciano Huck e BBB também são top.

— E Faustão?

— Faustão, não! Tá doida!? Chato pra caralho aquele cara. Não me ofenda!

GANALHICE

ANTES
DOS 12

Na semana passada, fui a um churrasco para reencontrar os amigos do colégio. Ali, lembramos várias histórias que provam que criança é um ser mau-caráter. Ou, pelo menos, a gente era. Vamos a uma lista de fatos que hoje considero extremamente calhordas, mas que me divertiram muito até os 12 anos.

Certa vez, eu e dois colegas seguramos um moleque para o lado de fora de uma ponte sugerindo que ele poderia escolher entre cair no laguinho ou pagar um lanche para a gente. (Rememorar isso quase me faz ser a favor da redução da maioridade penal só para prenderem a gente. Mas já somos adultos, então deixa para lá.)

Teve também o amiguinho que cobrava a lição de uma menina com pelo menos dois dias de antecedência, afinal, ele não tinha todo o tempo do mundo para copiar.

Teve o colega que, numa viagem, tentou roubar a minha bateria de celular (Nokia do jogo da cobrinha) e, descoberto, veio a vingança. Eu e mais um amigo detonamos o filme da câmera dele tirando fotos do vaso sanitário, de fezes, de bunda e de parede.

Outra, um pouco mais leve, foi quando eu e mais dois amigos, na época com 10 anos, tentamos fugir do colégio num dia em que nem sequer havia aula. Era só ensaio de festa junina. Mesmo assim, a gente escolheu sumir e deixar as professoras morrendo de medo da satisfação que iam ter que dar para os nossos pais. Incompetentes, fomos pegos.

Teve a menina que chegou com uma placa de isopor para fazer maquete e um colega, pelo simples prazer do ato, deu um tapão e espatifou a peça. Deu pena da menina. Mas rio até hoje lembrando da cena.

Outra lembrança foi o dia em que tirei a cadeira de um colega quando ele ia sentar. Mas desisti e coloquei novamente no lugar. Só que um amigo que estava ao lado achou a ideia muito boa e puxou de novo.

Resultado: o rapaz sentou no chão e bateu a nuca na cadeira. Por sorte, não aconteceu nada mais sério.

Fora que fazíamos hola quando a professora idosa de geografia virava as costas.

Também íamos um por vez ao banheiro depois do futebol para mijar na lixeira. O último deixava atrás da porta para que um desconhecido, ao entrar, derrubasse tudo e ficasse numa piscina de mijo.

Tudo isso na época em que Mertiolate ardia. Desculpa, mundo.

7X1 VERSUS 1X7

Copa do Mundo no Brasil. Reta final. Só restam quatro seleções com chances de levantar a taça. Como diria o outro, haja coração! O Brasil entra em campo e é gol. É gol. É muito gol. 7x1. Mas calma. Não é o que você está pensando. A gente venceu esse jogo. A partida aconteceu no dia 9 de julho de 1950. E o Brasil derrotou a Suécia por 7x1 no primeiro cotejo do quadrangular final. Depois, veio a Espanha: 6x1 para a gente. E, na última partida do quadrangular, o acidente, também conhecido como Maracanazo. Não é preciso pesquisar muito para saber que ali existia uma grande seleção. Que, se jogasse 10 vezes seguidas contra o Uruguai, só perderia aquela. Só que um personagem foi escolhido pelos maldosos para pagar a conta: o goleiro Barbosa. Em 1994, Barbosa ainda pagava pelo segundo gol que tomara de Ghiggia. E resumiu sua história em uma dura frase: “No Brasil, a pena máxima para qualquer crime é de 30 anos. Estou sendo punido há 44”.

Copa do Mundo no Brasil. Reta final. Só restam quatro seleções com chances de levantar a taça. Como diria o outro, haja coração! O Brasil entra em campo e é gol. É gol. É muito gol. 1x7. Agora sim a história que você já conhece. Perdemos. Mais do que isso, fomos humilhados. A partida aconteceu no dia 8 de julho de 2014. E o Brasil, como você sabe, foi surrado pela Alemanha em pleno Mineirão. Depois, ainda veio mais uma derrota acachapante na decisão de terceiro para não deixar dúvidas de que aquela seleção era um grande fracasso. Vários jogadores tiveram atuação pífia naquela partida. Fernandinho errou passes primários, Bernard não tinha a mínima qualidade técnica para ser titular em um jogo daquela envergadura. Mas um jogador conseguiu se destacar negativamente naqueles 90 minutos: David Luiz. Ainda que não passe de um zagueiro mediano, o enredo dele na seleção construía um super-herói. Salvou um gol em cima da linha contra a Espanha na final da Copa das Confederações, fez um golaço de falta nas quartas-de-final, estava com a faixa de capitão. O problema é que ele acreditou ser o tal Superman. Tentou jogar em todas as posições e esqueceu daquela única em que deveria estar. Uma catástrofe. Uma irresponsabilidade imperdoável que não se resumiu a um lance. Foi assim durante toda a peleja! Ok, ele não merece ser execrado

durante a vida toda como foi Barbosa. Ninguém merece. Mas nem sequer ser vaiado na sua volta ao país? E, depois de ser protagonista da maior vergonha da história do futebol, ainda ser tratado como um grande ídolo? É. Os tempos mudaram. Até demais.

SUJEITO OCULTO

Estou em uma festa bebericando um uisquinho na humildade quando uma pessoa se aproxima e lança a voz contra mim.

— Bruno! Como vai? Tudo bem, cara?

Tento puxar pela memória quem é aquele ser humano que tem tanta intimidade comigo a ponto de me chamar pelo nome, mas não vem ninguém. Enquanto isso, vou enrolando.

— Opa! Fala, cara. Tudo bem e você?

O diálogo se estende e minha memória insiste em não revelar quem é o dito cujo.

— Tudo certo também! Como que tá lá na Heads?

Feladaputa! O desgraçado com a cara mais inédita da minha vida sabe onde eu trabalho. E eu não tenho indício nem da primeira letra do nome do sujeito.

— Tá... Aquela coisa. E lá?

Não faço ideia de que lá eu estou me referindo. Mas há de existir um lá. E o pior é que não. Não há lá, nem ali, muito menos acolá. Não há nada, desgraçado!

— Saí. Mas por escolha própria, mesmo. Tocar uns projetos pessoais e talz.

Putaqueospariu! Já sei! Existem dois eus. Eu tenho dupla personalidade e quem realmente conhece esse maldito é o outro.

Será que eu sou um mandante de sequestros e assassinatos e esse cara foi meu capanga até ano passado? Não, muito mirrado o piá. Não assusta

ninguém. Será então que ele é o mandante e eu o capanga? Também acho que não. Essa minha outra personalidade não ia deixar eu voltar para a casa ileso tantas vezes. Se bem que teve aquela dor nas costas que surgiu do nada, só pode ser ele. Ou a poltrona reclinável onde eu vi sete episódios seguidos de Narcos.

— Ah, legal.

E um silêncio constrangedor toma conta da cena até que o sujeito oculto resolve se despedir.

— Então, beleza. A gente se fala.

— Valeu!

E, a partir dali, não paro mais de me perguntar: quem é ele? E o pior: quem sou eu?

APELIDOS

Quando eu tinha meus 2 anos, não entendia direito porque me chamavam ora de Bruno, ora de Nuno. Mas, por sorte, ambos são foneticamente parecidos. Logo, se ouvia um uno, provavelmente era um aviso para tirar o dedo da tomada ou não comer areia ou não me jogar na piscina funda.

Com o passar do tempo, descobri essa grande invenção: os apelidos. Para mim, é muito mais do que uma simples substituição do nome próprio. Porque o nome próprio, salvo raras exceções, vai te acompanhar por toda a vida. Já o apelido pode demarcar períodos. Ele tem uma função maior.

Claro que existem aqueles Eduardos que nasceram, viraram Dudus e nunca deixaram de ser ou Eduardo ou Dudu. Poderiam ter sido Cebola, Cabeça ou Taffurado, mas não rolou. Porém, o apelido superior, aquele que eu exalto e venero é o que serve como uma linha do tempo para contar a história de vida de alguém.

Os motivos para surgirem costumam ser um tanto estúpidos. Teve um amigo que, antes da faculdade, tinha o apelido de Bozzano por usar muito gel no cabelo. Na faculdade virou Menudo porque um rapaz falou que ele tinha cara de menino e fez uma montagem colocando o rosto dele na capa de um álbum da boy band. Desde então, quando vejo alguém chamando-o de Bozzano, sei que veio antes da faculdade. Menudo veio depois.

Na minha vida também é assim. Nunca tive um apelido muito forte que rompeu barreiras cruzando infância, adolescência, juventude e maturidade. Mas isso, no fim das contas, me ajuda mais a demarcar o tempo do que a passagem de anos. Tem coisas que eu não sei se aconteceram em 90, 91 ou 92. Mas lembro que eu era o Nuno.

Nuno é o meu apelido que traz as melhores lembranças. O que eu tenho mais carinho. Nuno sou eu até os 8 anos. Nuno era eu para a minha mãe. Continuo sendo para meu pai e meu irmão. Quando ouço Nuno,

parece que vem uma responsabilidade a mais. Vem a lembrança de que fui aquele menino e que continuo levando ele comigo. Eu adoro ter sido o Nuno e às vezes sinto que ele merecia um futuro melhor do que eu.

Paralelamente ao Nuno, tinha o Batatinha. Esse era de uso exclusivo da vó Lenira nos momentos em que ela estava carinhosa comigo. Quando eu fazia algo errado e ela queria dar bronca, automaticamente era rebaixado a Sarna.

Criança que é criança também sabe ser pentelha. Foi assim que me tornei o Pescoço para um querido tio. Nomenclatura em homenagem à saborosíssima e suculenta carne de pescoço.

Batman sou eu entre a quinta e a oitava série. Tudo porque o uniforme do colégio era azul marinho e, numa aula de educação física, corri com o casaco aberto contra o vento. Eu gosto da minha versão homem-morcego. É aquele moleque que fala de futebol, bom aluno, boa praça, parece calmo, mas, volta e meia, como nos filmes e nos quadrinhos, sai na mão com alguém. Uma vez por ano, no churras do colégio, eu volto a ser chamado de Batman. Mas, agora, um Batman mais pacífico.

Milk sou eu na faculdade. Piá que não bebe, popular, amigo da galera, cheio de comentário no fotolog, sempre de olho numa caloura. Se eu cruzasse com ele, tentaria convencê-lo a beber. Mas todo mundo tentava e não conseguia. Eu seria mais um chato aos olhos dele.

Leitinho sou eu no estágio. Ele é parecido comigo. Que nem o BL, que era como eu era conhecido em uma das agências que trabalhei. Fiquei menos de um ano lá, mas alguns ex-colegas seguem me tratando por essa sigla.

Tem umas alcunhas que se tornam permanentes dependendo do local. No trabalho, é muito usual que me chamem de Leite. Para as garotinhas,

costumo ser o Bru. (Inclusive, me dá um nó nas ideias quando um amigo me chama de Bru. Talvez seja preconceito e eu seja um babaca, mas acho muito esquisito uma voz masculina me chamando de Bru. Vou superar isso. Fecha parênteses.)

Bruninho e Brunão também são usados, mas nunca hastearam bandeira para demarcar um território específico. Quem sabe no futuro. Melhor do que Chamburcy.

MENTIRA

Nem toda mentira tem pernas curtas. Algumas duram anos e anos e, se o mentiroso não vier a público admitir, elas continuarão a perdurar para todo o sempre. Eu carrego comigo diversas mentiras que nunca revelei e que nunca foram desmascaradas. Chegou a hora de fazer uma delação premiada de mim mesmo.

Em 1992, a professora da outra turma entrou na minha sala perguntando se alguma criança ali havia esquecido um boneco do Jiraya no pátio. Ninguém se manifestou. Olhei para os lados e, na cara de pau, levantei a mão. E a desonestidade me premiou com uma miniatura do meu ninja preferido. Desde então, se você cruzar comigo na rua e fizer um escândalo me chamando de ladrão, terei que abaixar a cabeça e conviver com a culpa de quem realmente cometeu seus deslizes.

Mas nem toda mentira que eu contei foi para ganhar algo com isso. Por exemplo, para a minha mãe, eu mentia por prazer. Era uma delícia. Uma vez, falei para ela que li na capa de uma revista na banquinha em frente ao ponto de ônibus que a mocinha de uma novela era a assassina de um desses “quem matou?” e que o mocinho era o comparsa. Inventei motivos para isso. Inclusive, devo ter deixado a história bem mais interessante, modéstia à parte. O fato é que fiz minha mãe contar para todas as amigas, e ela ainda foi a única a apostar na mocinha como assassina em um bolão. No fim das contas, ela perdeu e a gente riu.

Outra mentira estapafúrdia que contei para ela foi numa noite em que eu e meu irmão saímos de carro. Falei para a dona Rachel que a gente ia colocar Insulfilm em toda estufa do Jardim Botânico e que poderíamos ser presos. Até hoje, não acredito que seja possível ela ter acreditado em tamanha bobagem. Mas o fato é que ela comprou o jornal do dia seguinte e ficou procurando para ver se tinha alguma notícia do Jardim Botânico Negro.

Por fim, há a mentira por necessidade. Chegou a hora de admitir. No colégio em que eu estudava, quando as professoras queriam que

os alunos fizessem silêncio, elas começavam a bater palmas e estalar os dedos. (Não aquele estalar de quem está prestes a ir para a porrada. Aquele outro, bonitinho, de quem canta e faz um ritmo com os dedos.) Os alunos eram obrigados a parar o que estavam fazendo para emitir os mesmos sinais. Só que eu não sei estalar a desgraça dos dedos. E passei talvez 10, 11, 12 anos fingindo. No começo, pedi ajuda. A professora me mostrou como era e parecia ridiculamente fácil. Mas, para mim, nunca saiu a maldição daquele som. Tentei técnicas como roçar uma unha na outra, até perceber o quão estapafúrdio era aquilo. O jeito foi seguir nesse teatro infame fingindo ser capaz de estalar os dedos. Por sorte, não fui desmascarado e ridicularizado na época.

As pernas da mentira até podem não ser curtas. Mas os dedos são estúpidos.

PRESENTE

ROMÂN-
TICO

Lá por 1996, meu pai passou a dirigir uma Kombi provisoriamente em seu trabalho. Para minha sorte, do meu irmão e das minhas primas, essa Kombi ficava com ele também nos fins de semana, quando tomávamos posse para jogar truco lá dentro, ignorando os belos dias de calor, a goiabeira e as pitangas do quintal da casa da vó.

Depois de uma belíssima tarde de jogatina kombística, meu pai me levou a uma festinha americana da turma do colégio. Obviamente, meu irmão e minhas primas foram juntos me deixar lá. Afinal, uma criança não pode perder uma chance de andar de Kombi. Mas, dessa vez, o caminho foi um bocado mais demorado até chegar à casa do meu amigo que dava a festa. Pelo menos na minha cabeça. Isso porque eu levava uma flor para dar para a menina que eu gostava. E meu irmão e minhas primas não paravam de mencionar o presente romântico como forma de me encabular.

Tá bom, admito! Não era uma flor. Era um desenho grosseiro de uma caveira feito a canetas Bic com o fundo todo pintado de vermelho e preto. Vale mencionar que eu nunca soube desenhar direito. Fiz a caveira colocando a folha sulfite em cima da capa de uma revista de videogame do meu irmão. A ideia surgiu porque a garotinha, assim como eu, era atleticana.

Chegando na festa, entreguei meio tímido o desenho dobrado para que ela guardasse e tocamos a vida fingindo que nada daquilo havia acontecido. Alguns amigos perceberam, mas nada que gerasse um buzz com dezenas de dedos apontando para a gente seguidos de risos e insinuações. Ufa! Depois, dançamos uma ou duas músicas lentas e, no mais, era correr e brincar como crianças de dez anos que éramos.

Porém, na família, o presente romântico virou notícia e foi mencionado em diversos almoços. Até que foi dando lugar a outras peripécias e, aos poucos, foi esquecido.

Eis que, cerca de três anos depois, fui a um aniversário da menina do presente romântico, no salão de festas do prédio em que ela morava. Para não importunar ninguém pedindo carona, minha mãe deu um cheque para eu voltar de táxi. Em 1999 ainda não havia celulares por todos os lados e tive que subir até o apartamento da garotinha para pedir o transporte por um telefone fixo. Foi então que passei pelo quarto dela e me deparei com um mural cheio de fotos, bilhetes, etc. No centro, em grande destaque, quase brilhando, uma folha A4 com um papel já surrado pelo tempo trazia a ilustração da caveira rubro-negra desenhada a caneta.

Vitória! Se fosse uma flor, teria morrido faz tempo.

AUMENTO

Pedir aumento é algo complicado. Pessoas normais sempre ficam putas da cara quando algum produto fica mais caro. Eis que decidimos que nós estamos mais caros. Quer dizer, não é bem assim. A gente pede pra ficar mais caro de cabeça baixa. Coisa que filé mignon nenhum fará conosco antes de aumentar o número da etiqueta.

Eu confesso que tive sorte no meu início de carreira. Os primeiros aumentos pareciam naturais. De estagiário para contratado. De uma agência para outra. Mais mudança, promoção. E... parou ali! Mas fui deixando, fui seguindo pelo mesmo preço em que havia estacionado.

Até que, depois de um tempo, não dava mais para esperar. Eu estava decidido: à tarde, pediria aumento pela primeira vez na vida. Na manhã daquele dia, uma amiga passa por mim e diz que vai pedir um reajuste. A princípio, lamento. Justo quando eu ia. Depois, penso melhor: se der boa, vou de carona. Se der ruim, fico na minha. Ela vai lá e... dá ruim. Eita!

O tempo passa, o tempo voa e parece que o momento é melhor. Lá vou eu! Levanto da minha mesa, mas, quase naturalmente, em vez de ir até a sala do chefe, vou até o bebedouro, do outro lado. Eita diacho! Eu não tenho coragem.

Mais uns dias passam, chego na agência meio abobado de sono e decido aproveitar a falta de neurônios ligados para entrar na sala do chefe e falar na lata. Entro lá, texto na ponta da língua e a sala está vazia. Eita caralho da porra!

Tá, temos um problema. Eu não sei pedir aumento. Mas o que eu sei? Geralmente, quando entro na sala dos meus chefes, levo umas folhas com títulos ou roteiros ou descrições de ideias e deixo que ele leia. Eureka! Vou lá e entrego uma folha. O que tinha lá?

Ação 30''

Pedido

Redator entra na sala do diretor de criação e entrega um roteiro. Meio encabulado, enquanto o diretor de criação lê, ele põe as mãos para trás e olha para os lados, sem saber se devia ter escrito aquelas palavras. Em anos de carreira, o rapaz nunca fez aquilo, mas sentiu que agora é o momento de arriscar.

O diretor de criação segue lendo o roteiro e ali, na metade, já percebe do que se trata. O desgraçado do redator quer pedir aumento e nem pra falar isso direito. Tem que fazer o diretor de criação perder tempo lendo essa baboseira.

O diretor de criação dá uma risadinha e enfim responde ao pedido:

- Beleza. Vamos ver isso aí.

Assina o Nome da Agência

SAUDADE

Estávamos eu versão 3 anos, pai, mãe e irmão na Panorama amarela indo deixar o carro na casa da vizinha. Afinal, na nossa só tinha uma vaga na garagem e essa era cativa do Monza da vó Lenira. Foi então que o pai e a mãe resolveram contar para mim e para o meu irmão que estavam se separando. Eu nunca tinha ouvido falar disso, não fazia ideia de como este anúncio mexeria com a minha vida. Mas, do alto do meu capitalismo dente de leite, fiquei muito feliz ao ouvir um argumento: agora, a gente teria duas casas.

O pai deixou de morar com a gente. Alguns dias passaram e, depois de aprender a diferença entre liso e áspero no Jardim I do colégio, chegou a hora de curtir o segundo lar. Que alegria! Eu e meu irmão arrumamos as roupas para o fim de semana (ou a mãe arrumou pra gente, não lembro), colocamos tudo nas mochilas de urso — a minha verde, a dele marrom — e fomos para a casa da vó Tetê ficar com o pai.

A gente já tinha ido lá várias vezes. Sempre adorávamos. Inclusive, depois, acumulamos belíssimas memórias de infância vividas ali. Porém, aquele dia foi diferente.

A tarde estava divertida. Brincamos, tudo certo. Mas bastou começar a anoitecer e, de repente, um sentimento estranho bateu no peito. Cruzei o olhar com meu irmão e os olhos dele pareciam dizer o mesmo. Desculpa, pai. Mas nós e nossas mochilas de urso queremos voltar para perto da mãe.

Essa foi a primeira vez que lembro ter sentido saudade dela. Na madrugada de 11 para 12 de novembro de 2016, fez 5 anos que começou a última. Mas, dessa vez, não há carona para casa que faça passar.

IDENTIDADE

Quando eu era criança e jogava futebol, geralmente eu não era eu. Quando fazia uma defesa, gritava Giiiillmaaaar! Ou Zeeeettiii! Ou Chilaveeeeert! Quando fazia um gol, podia ser Túlio, Renato Gaúcho, Ronaldo, Romário. Mas, se pudesse escolher agora, quem eu realmente queria ser?

O Oséas. Sem dúvidas! Imagina que maravilha passar o Atletiba de 96 ouvindo a torcida do Coxa cantar meu nome a cada erro e, aos 47 do segundo tempo, fazer o gol da vitória e ainda subir no alambrado? Seria demais! É bem verdade que, no ano seguinte, eu seria vendido para o Palmeiras. Mas, lá, faria gol do título de Copa do Brasil, além do gol mais importante da história do clube até então, levando uma final de Libertadores para os pênaltis para depois garantir a taça. Se bem que o segundo seguinte ao gol contra no Corinthians e Palmeiras não seria fácil. Meio estádio pulando e rindo de mim. A outra metade querendo enfiar a mão na minha cara por um erro. É, não sei se suportaria esses segundos. Melhor não ser o Oséas.

Então, dane-se o futebol. Eu quero ser o Chico Buarque. Ser o queridinho do Vinicius e do Tom. E do Brasil. Como eu queria ter composto João e Maria com o Sivuca. Fora o prazer de bater de frente com a ditadura. Criar o Julinho da Adelaide para driblar a censura. Me vejo decidindo o set list do próximo show. Vai ter Como Se Fosse a Primavera, Choro Bandido, Anos Dourados, Dueto, Futuros Amantes, Vai Passar e o resto eu decido depois de um chope com meu amigo Edu Lobo. Ser o Chico deve ser demais. Além de compor música boa, só fazer show a cada 6 anos e ainda escrever bons livros, ter mais de 70 e ainda ser cobiçado por belas garotinhas. Eu quero ser o Chico, decidido! Se bem que eu curto jantar fora sem ser ofendido pelas minhas convicções políticas. E também não teria muito saco para os chatos neuróticos que viriam com papinho de Lei Rouanet para cima de mim. Ok, desisti. Melhor não ser o Chico.

Sérgio Mallandro! Claro! Eu quero ser o príncipe de Lua de Cristal.

Mas quero também a malemolência do goleiro Malandrovisk. E enganar pessoas com pegadinhas (sejam elas as vítimas das peças que eu prego ou aqueles que acreditam que as pegadinhas não foram combinadas). Tá aí, eu quero ganhar a vida falando yé yé, glu glu, salcifufu e cantando Capeta Em Forma de Guri. De quebra, viver cercado de Malandrinhos. Sempre de boné com hélice e aba virada para o lado. Que vida! Mas nem tudo é perfeito. Por algumas semanas, eu teria que participar da Fazenda. E lá eu teria que aguentar o Tico Santa Cruz! Não, não dá! Conviver com Tico Santa Cruz é castigo demais para um ser humano. Xapralá. Desisto de querer ser o Mallandro.

Alex Mineiro? Não. Não queria ser ele. Primeiro, porque colocaria em risco o título de 2001. E, naquele momento, eu só queria ser eu mesmo pulando e comemorando os gols dele com meu irmão e meu pai.

Taí! Eu quero ser eu mesmo. Imagina ser alguém que não viu Breaking Bad, que vacilo! Pera, calma! Esse papo de “ser eu mesmo” é coisa de BBB. Eu não quero ser um BBB. Mas será que eu sou? Agora me perdi! Eu voto para o Bambam ser eliminado, mais por uma questão de afinidade. Não! Eu não sou BBB. Mas quem sou eu? Tom Hanks!? Oh vida! Oh céus!

NEGOCIANDO

COM OS
DEUSES

Há 15 anos, no dia 23 de dezembro de 2001, o Clube Atlético Paranaense se sagrava Campeão Brasileiro. Isso, todo torcedor do Furacão sabe de cor. O que eles não sabem é que, duas semana antes, a gente começava a perder títulos como o Brasileiro de 2004 e a Libertadores de 2005. Explico.

Na semifinal, jogada no dia 9 de dezembro, o Atlético perdia na Baixada para o Fluminense por 1x0. O jogo estava no intervalo. Nesse momento, eu, que não sou religioso, resolvi abaixar a cabeça na arquibancada e conversar com os deuses do futebol.

Ali, comecei uma negociação. Deixei claro que não me importava em perder vários campeonatos paranaenses para o Coxa, mas que a gente precisava ir para a final para igualar a estrela amarela deles (porém, no nosso caso, com saldo de gols positivo). Eis que, no segundo tempo, vejo Alex Mineiro possuído pela estrela do Super Mario. Atropelava quem entrasse na frente e fazia chover. Viramos e vencemos o jogo por 3x2.

Uma semana passou e, no dia 16 de dezembro, recebemos o São Caetano para o primeiro jogo da final. Os improváveis times de melhor campanha do campeonato iam decidir quem seria o primeiro dono do Brasil no terceiro milênio. A peleja começa e logo fazemos 1x0 com Ilan. Mas não seria tão fácil. O São Caetano vira o cotejo e começa a acariciar a taça.

Nesse momento, novamente, olho para baixo e começo uma nova negociação com os deuses da bola. Eu, que já abri mão de campeonatos paranaenses, ofereço também qualquer título que a gente viesse a disputar nos próximos anos. Topo perder tudo: Paranaense, Sul Minas, Copa do Brasil, outro Brasileiro, Libertadores. Mas aquele não. Aquele tem que ser nosso. Fechado?

No lance seguinte, Alex Mineiro volta a brilhar com a estrela do Super Mario e faz 2x2. Para não ter erro, dou um lance ainda maior na

negociação. No alto dos meus 15 anos e perdidamente apaixonado por uma garotinha, abro mão do amor da donzela desde que aquela taça seja nossa. Os deuses perguntam: tem certeza? No calor do jogo, respondo: tenho. Garotas, aparecem outras. Taça, tem que ser aquela.

Alex Mineiro não para mais de jogar no modo turbo. Faz 3x2, 4x2. No jogo de volta ainda faz mais um. E, assim, num ato intempestivo, perco vários Paranaenses, tomo gols do Grêmio em Erechim, perco uma final de Sul Minas, outra de Copa do Brasil, outra de Libertadores, quem sabe, um grande amor. Mais ou menos como alguém que, sem ouvir nada num programa de auditório, é convidado a trocar um carro popular, uma casa, um iate e um jatinho por um carro popular e, feliz da vida, grita: siiiiiim!

Mas tudo bem. Chegar em casa rouco de tanto cantar naquela véspera de véspera de Natal valeu por todas essas derrotas da sequência. Em todo caso, se você é atleticano e discorda, fica aqui meu eterno pedido de perdão.

FELIZ PARA SEMPRE

O ano era 2007. Os cabelos dela eram negros, longos e lisos. O sorriso era belo e o olhar tinha aquele algo de triste, algo que chora, algo que sente saudade que o Vinícius de Moraes certa vez descreveu.

Eu, que pesquei toda essa poesia no ar, não titubeei: me apaixonei. Além de tudo, ela é divertida. Além de tudo, quando a gente começa a conversar, não para mais. Parecia que ali, naquele instante, o mundo passava a fazer sentido.

Ficamos amigos, bem próximos, e parecia que era só questão de tempo a gente se beijar, ela falar que se apaixonou naquele mesmo instante, a gente começar a namorar, casar 4 anos depois, ter o primeiro filho dois anos após o casamento e outro agora recém-nascido. Aliás, que trabalho danado dá esse menino! Como chora! Como é difícil trocar sua fralda às 4h12 da matina.

Mas a verdade é que tenho dormido muito bem à noite e isso não se deve a uma criança calma ou pensão alimentícia. Simplesmente, aquele amor não foi correspondido.

Acontece! Fora a Fernanda Lima e o Rodrigo Hilbert, quem nunca? É triste, a princípio. Todo aquele mar de coisas que faziam tanto sentido só faziam esse sentido todo na minha cabeça. A amizade continua, ela é um amor, mas não necessariamente o meu amor.

Depois de uma desilusão, vem aquela sensação: será que eu sou um imbecil? Com certeza, essa ideia passou pela minha cabeça lá por 2009 ou 2010, quando, definitivamente, larguei mão dessa moça.

Mas aí me lembro de um dia em que ela me chamou para almoçar. Não perguntou em momento algum o restaurante que eu queria, foi logo elegendo o da preferência dela. E era um japonês. E, desde criança, eu não gostava de sushis e sashimis. Mas, como era apaixonado, abaixei a cabeça e fui.

Eis que, naquele esforço, mudei completamente de opinião. Adorei esses tais de niguri, temaki, polvo com molho de limão. Barbaridade! Eita coisa boa! Até deu fome aqui escrevendo essas linhas.

E, assim, no fim das contas, cheguei à conclusão de que não posso reclamar. A história de amor não deu certo. Mas um uramaki philadelphia não deixa de ser um final feliz.

1994

Se fosse hoje, eu seria um viral. Não exatamente eu em pessoa, ou foto, ou vídeo. Mas uma resposta minha em uma prova pipocaria nuns blogs por aí.

Estamos em 1994. Ano de eleição, de mudança de moeda, ano de Copa também, mas a Copa não tem nada a ver com esse texto. O que tem a ver é que, em 1994, eu estava na segunda série do primário. (Ainda se fala ‘primário’?)

Em 1994, pela última vez, ao menos em Curitiba, a eleição foi realizada no papelzinho. Pegava-se a cédula, marcava-se X no quadradinho ao lado do nome do seu candidato de eleições majoritárias e era só depositar na urna. No caso de deputados e vereadores, era preciso escrever o número ou o nome do sujeito, se não me engano. Os votos dos médicos acho que eram automaticamente anulados.

Houve também a mudança que tanto beneficiou a economia brasileira. Depois de anos de trevas com inflações pornográficas, chegou o Plano Real. Em 1994, ainda circulava o Cruzeiro Real que era substituído pelas cédulas de Real. Para ajudar, tinha uma tabela da URV, Unidade Real de Valor, que fazia as conversões. Lembro de uma colada ao lado da porta da locadora de fitas de Super Nintendo. Hoje em dia, teria uns 15 aplicativos diferentes pra converter a URV.

Voltemos à segunda série B Tarde. Eis que estou com a prova de Ciências nas mãos. Um puta dum textão no verso. Uma puta de uma preguiça de ler aquele xerox. Vamos ver o que a prova quer saber de mim. A pergunta é: o que é célula? Rapaz, olha que sorte! Justo um assunto que eu domino. Com pressa, respondo: célula é uma nota de dinheiro.

E nem completo mencionando o papelzinho das eleições.

Ainda que não existissem redes sociais, fui refém dessa resposta por incontáveis almoços de família. A professora era amiga de uma tia.

Obrigado por demorar, Zuckerberg.

A MAIOR DERROTA DO MUNDO

Ao ler o título, você deve pensar que vem aí uma narração de Brasil 2x3 Itália de 1982. Até já vi videotape dessa partida mas a maior derrota do mundo não pode ter sido vista só em reprise. E, em 1982, eu tinha quatro anos negativos.

Seria então uma referência a 90? Afinal, como diriam os argentinos, estamos chorando desde a Itália até hoje. Não, né? Ganhamos duas Copas depois disso. Não falem bobagem. 7x1? Essa resposta é meio óbvia, mas fica com a medalha de prata. Ah, fácil! Você é clubista. Final da Libertadores contra o São Paulo. Acertei? Essa doeu, mas ainda não foi a pior de todas. 5x1 para o Coxa em domingo de páscoa? Também doeu uma barbaridade, mas foi ali que começou uma revolução no Atlético. Não posso ser ingrato.

Tá, chega de fazer joguinho. A maior derrota do mundo foi jogada em 1998. E não foi Brasil x França. Foi dois meses depois. Era semifinal de futsal nos Jogos da Primavera do colégio. Eu era o guarda metas da 6ª B, time apelidado de Os Presidiários devido ao uniforme alvinegro que lembrava as vestimentas dos irmãos Metralha.

Estávamos escalados: eu, Diego, Daniel, Guilherme e Emílio. Do outro lado, Rodrigo no gol, Felipe, Piatan, Luiz Fernando e Thiago (o canhotinho craque do colégio). Nós chegamos com moral. Vínhamos de atuações impressionantes nos recreios e na educação física. Era um momento claramente superior ao dos adversários. O torneio começa e saímos goleando quem aparecesse, inclusive um bom time da 7ª B. Chegamos na semi e temos a vantagem do empate.

A partida tem início e eles começam a ditar o jogo. Faço boas defesas até que o Thiago chuta, rebato para o lado e, de carrinho, Luiz Fernando faz 1x0. Dureza!

Sigo fazendo uma partida segura, mas meu time parece travado. Apenas o Emílio faz um bom jogo e leva perigo ao time da 6ª A. Em um

lance individual, ele dribla o Felipe e iguala o placar.

Agora é só eu não tomar gol que a vaga é nossa. Manoel, que entrou no lugar do Luiz Fernando, manda um tiramão no ângulo, mas consigo defender de mão trocada. Thiago avança, eu fecho bem o gol, mas o Diego se afoba e comete um pênalti. Dureza! Chegou o meu momento. Está nas minhas mãos. Thiago corre, bate e... defeeennnde Bruno Leite de joelho!

Mas vale lembrar que essa é a maior derrota do mundo. O rebote do pênalti cai no pé de Thiago que, com o gol livre, faz 2x1. Os Presidiários se perdem de vez na partida. Evito um gol iminente após um preciosismo do adversário. Até que, sempre ele, Thiago, o canhotinho iluminado, acerta um balaço no meu ângulo. 3x1. Fim do sonho, fim da partida.

Lágrimas caem do meu rosto e nem o cafuné da menina que eu gostava me consola daquela derrota. A 6ª A vence a final e eu e o Emílio decidimos mudar de time. Queremos ser campeões. Um ano depois, conquistamos o título na nova equipe. Mas não teve graça. Não era o nosso time. Não era Os Presidiários.

Até hoje, quando encontro o Emílio, dedicamos alguns minutos a lamentar aquela derrota. E o Thiago não deve nem lembrar da partida.

DESVIOS

DE CARÁ-
TER

Eles não se viam há mais de um ano. Já se amaram, já se magoaram, já se amaram de volta, já se odiaram, já se ofenderam, já superaram, já voltaram a se respeitar, mas, dessa vez, cada um em seu canto.

Eis que em um aniversário de um amigo em comum, eles se reencontram. Ela, agora comprometida com outro, estava lá sem seu par. Ele seguia solteiro. Era inevitável, se nenhum deles fosse embora muito cedo tentando evitar o outro, em algum momento um puxaria papo e eles então falariam muito sobre o passado. E assim foi. Lembraram histórias, riram, fugiram das polêmicas para mostrar que já estavam superadas e ficou claro que, embora cada um tocasse sua história dali para a frente, o carinho pelo outro estava preservado.

Em um momento, depois de umas bebidas, umas histórias e umas risadas, ela menciona uma frase que abala as estruturas do rapaz. Ela o conhecia como ninguém. Já havia experimentado as piores palavras que ele era capaz de proferir assim como as melhores. E, então, falou rindo e brincando:

— Você é uma pessoa boa, mas tem uns desvios de caráter.

Pow! Atingiu em cheio. Ele, a princípio, não aceitou e questionou tal acusação. Eis que ela lembrou de um dia na faculdade:

— Tava chovendo pra caramba, a Ro pediu carona, mas você disse que ia continuar na faculdade à tarde. Dois minutos passaram e assim que ela entrou no ônibus, você se despediu de todo mundo e foi embora. Nem disfarçou.

Ele jurava que tal acusação não procedia. Se defendeu dizendo que realmente tinha a ideia de ficar na faculdade, mas mudou os planos. Acontece. Por coincidência, exatamente no momento em que a Ro entrou no busão. Mas era coincidência, ele jurava.

Ela não aceitou. E ainda mencionou que a Ro não quis passar cola para ele no mesmo dia. Não poderia ser mera casualidade.

Mesmo com todos os indícios contra, ele mantinha sua versão. Não chegaram a um acordo.

Ainda incomodado com a frase, ao chegar em casa, ele desabafa com sua mãe.

— Manhê, ela disse que eu sou uma boa pessoa, mas tenho desvios de caráter. Desvios de caráter!

E a mãe ri sem parar até que complementa:

— É verdade! Você tem uns desvios de caráter.

O LIQUIDIFICADOR

ASSAS-
SINO

Lembro-me como se fosse há 24 anos. No dia 22 de dezembro de 1992, decidi brincar de cientista.

Eu já não era o suicida de anos antes. Aquele que comia areia, se jogava em piscinas fundas e fazia pai e mãe pularem de roupa e tudo para tirar o piá de lá.

No fim de 92, já era um cara mais centrado e maduro. Morava numa casa grande com um belo quintal na frente e outro atrás.

Naquele dia, eu não queria saber do meu Lango-Lango verde ou do jogo de memória do Carrossel. Eu queria brincar de cientista e não tinha brinquedo suficiente para isso.

Eis que fuço aqui, fuço lá e acho o apetrecho perfeito: um liquidificador jogado no lixo. Levo até a lavanderia, bem longe dos olhos dos adultos, e começo a brincar sozinho.

Ligo o liquidificador na tomada e nada. Aperto todos os botões e nada. Tiro a tampa e fico brincando de girar a lâmina com petelecos e nada. Coloco a palma da mão na lâmina e, plim, consertei o liquidificador.

Vou correndo chamar meu irmão para mostrar meu feito incrível. O que começou como uma brincadeira de cientista me fez, de fato, um Professor Pardal.

Meu irmão chega para assistir meu feito e nada de o liquidificador funcionar. Coloco a mão, forço para girar e, plim de novo, mas dessa vez a lâmina abre um corte na minha mão, cerca de 1 cm acima do pulso.

Saio correndo desesperado ao ver o sangue, não lembro de sentir dor, mas tenho certeza absoluta de que faltam apenas alguns minutos para eu morrer.

Às vezes, é bom estar errado.

CANALHA

Todo mundo tem direito de gostar de um canalha. Alguns gastam esse crédito com o Bolsonaro, outros com o Maluf, há quem adore a seleção alemã (mesmo depois de julho de 2014), alguns namoram canalhas, casam com canalhas, outros são canalhas e têm amor próprio.

2016 começou com a festa de aniversário mais legal que tive nos últimos anos. Um mês depois, fui ao Rio de Janeiro para o show dos Rolling Stones no Maracanã. Quando eu e meu irmão chegamos, caía uma chuva torrencial que fazia a maioria das pessoas não irem para a pista. Encaramos e vimos muito de perto. Inesquecível.

Depois veio o Young Lions. Um prêmio publicitário que sempre sonhei em ganhar, mas a idade limite para participar era 28 anos. Eis que os deuses dos advogados do Fluminense ouvem minhas preces e mudam a idade máxima para 30. Participo e dá boa. Com isso, ganho uma viagem para o Festival de Cannes.

Antes de viajar para o Velho Continente, ainda tive a chance de ir, pela primeira vez, a um evento do UFC. Sempre curti assistir às lutas pela tevê, mas ver os brutamontes caindo ao vivo é muito mais maneiro. Também vale mencionar a conquista do Campeonato Paranaense pelo Atlético depois de 7 anos de fila. Em cima do Coxa, ainda. Que alegria!

Veio a viagem para Cannes e, no primeiro dia, no meio de um jantar, a coroa de um dente em que fiz tratamento de canal há anos cai. Fodeu! Desgraçou minha viagem! Coisa nenhuma. Acho um dentista picareta no dia seguinte (que depois eu descobriria que condenou meu dente), mas, ao menos, garanto a tranquilidade nos dias de viagem. A semana de festival é sensacional. Conheço pessoas brilhantes e bebo de graça todo dia.

Na semana seguinte, aproveito as férias e vou a Paris para curtir a Euro 2016. Vou a um jogo e acompanho outros três na Fan Zone, em frente à Torre Eiffel. No último dia, há um pânico com uma ameaça de terrorismo. Foi assustador, mas era alarme falso. Ok, acabou o clima da viagem, bora voltar para casa.

Na época de colégio, julho era mês de férias. Em 2016, foi um mês de trabalhoilhado entre duas férias. Porque agosto teve Olimpíadas e partiu para o Rio mais uma vez nesse ano. Duas semanas sensacionais e inesquecíveis. Até pegar metrô, com aquele clima, era um programa legal.

Volto de viagem e me torno padre por um dia. Explico. Dois amigos resolveram me chamar para fazer a cerimônia do casório deles. Eu disse não. Eles pediram de novo. Eu disse não. Eles pediram no bar depois de umas cervejas e eu disse sim. Fiquei uma pilha de nervos no dia do casamento. Mas, assim que soltei o microfone após minha última frase, deu um baita orgulho por fazer parte de um momento tão bonito para eles e (por que não?) para mim.

Mais um tempinho passa e vejo a Baixada lotada assistir meu querido Furacão se classificar para a Libertadores.

Eu sei que 2016 foi difícil. Teve eleição do Trump, do Greca, o pulha do Temer virou presidente do Brasil. Teve a perda de Bowie, a Chape nos fazendo chorar copiosamente por dias. Sem falar em inflação, desemprego e o fim do casamento da Fátima e do Bonner.

2016, você é um canalha. Mas é o canalha que eu escolhi amar.

O DISCURSO DO DIA EM QUE FUI PADRE DE UM CASAMENTO

Geralmente, os casamentos contam com um padre ou um pastor. O Coqs e a Cris resolveram fazer diferente e me chamaram para falar algumas palavras. Mas, talvez, eu não tenha tanto talento para isso. Sendo assim, vou começar recorrendo a um padre que disse: “enfiei Nescau na ração das galinhas. Agora é esperar que botem ovos de páscoa”. É um tweet do Padre Fabio de Melo.

(Foi mal, vou começar de novo.)

Uma das frases mais bonitas que eu conheço foi dita por Victor Hugo. “A vida é uma longa despedida daquilo tudo que a gente ama.” Parece deprê, mas eu acho isso muito bonito. Acho que cada nova fase é uma despedida de algo que um dia a gente amou. Por exemplo, nós já nos despedimos da infância. A Ana ainda pode curtir mais uns aninhos. Já nos despedimos da faculdade, dos estágios. O Coqs se despediu da casa dos pais 3 meses depois de conhecer a Cris. Espero que tenha se despedido das disputas de tequila também, porque perdia todas. E perdia todas no pingue-pongue, no videogame. Mas dá nada, Coqs, azar no jogo, reticências. Já a Cris se despediu de metade da cama e, pelo que corre à boca miúda, de uns 70% do cobertor. Mas espero que ainda não tenha se despedido do Imagem e Ação. Quero revanche da última disputa. E assim a gente segue tendo momentos que amamos e de que logo nos despedimos. Hoje é o início de uma nova fase para esses meus queridos amigos. E esse início já começa com uma despedida. Afinal, daqui a algumas horas, a festa acaba e vamos olhar para ela com saudade. Pois bem, meus caros Coqs e Cris. É isso que eu tenho a desejar a vocês: que a vida do casal daqui para a frente seja uma longa e bela despedida de tudo aquilo que vocês amam.

CURRÍCULO

Aos dez anos, participei, no colégio, de um concurso que premiava a melhor frase sobre seguros. Mesmo sendo aluno da quarta série e concorrendo com estudantes da quinta e da sexta, me sagrei o vencedor. Como prêmio, ganhei 50 reais, devidamente gastos com o uniforme de 1996 do Atlético-PR. Nessa época, ouvi pela primeira vez que, um dia, eu seria publicitário. Mas não dei a menor importância. Afinal, estava muito ocupado vendo Power Rangers.

Sete anos passaram e veio o vestibular. Com ele, a hora de decidir: vou de Publicidade mesmo ou tento Direito? Em uma pergunta em um jantar, meu pai me fez decidir.

- Você prefere trabalhar de terno ou de bermuda?

Escolhido. E, então, depois de não conseguir passar na UFPR, comecei o curso no UnicenP (atual Universidade Positivo). Foram quatro anos de muito aprendizado. Por outro lado, quatro anos levando “não” atrás de “não” na tentativa de um estágio como redator. Solução: forçar a reprovação em uma matéria, para ter mais um ano para estagiar. E assim, em 2008, no quinto ano de faculdade, comecei a minha carreira.

De lá para cá, passei pela Getz, RMG Connect, HouseCricket, OpusMúltipla, Master e, desde o início de 2013, estou na Heads Propaganda. Nesses anos, alguns prêmios se juntaram àquele da quarta série. Entre os que mais me orgulham, estão um mérito no One Show, um anuário no Clube de Criação (ex-CCSP) e a conquista da etapa paranaense do Young Lions 2016. Sem falar na enorme satisfação que sinto toda vez que passo de bermuda por trabalhadores que vestem terno em dia de calor.

BARBEIRO

No começo, eu só chegava lá e sentava em uma caixa que ficava em cima da poltrona. Enquanto isso, via minha franja diminuir, deixando meu rosto esquisito e minhas orelhas grandes. Eu ainda não sabia que poderia escolher um corte diferente, afinal, quem mandava era minha mãe ou minha avó. E eu nunca gostava do resultado. Mas depois acostumava.

Logo que desci do banquinho e passei a sentar normalmente na cadeira, comecei a pedir para raspar na máquina 3 ou 4, pedi para fazer uns caminhos de rato, tudo que a vó Lenira jamais permitiria que o seu Ângelo fizesse.

Mais alguns anos passaram e, depois de uma década e meia de vida, rompi a parceria do meu cabelo com o seu Ângelo. Aquela coisa de adolescente que tem que se rebelar contra as imposições da família. Impliquei com um corte que ele fez e nunca mais voltei a frequentar a simpática Barbearia Ferrari.

Aí veio o tempo de universitário que não tinha dinheiro para nada. E começou o truque: vou no barbeiro, corto bastante e só volto uns 3 meses depois quando estiver bem grande. Enquanto o cabelo crescia, passavam amores e desamores, amizades e inimizades, risos e choros.

Até que, com uns 23 anos, flagrei um fio de cabelo branco caindo no meio de um tufo que era cortado. E, no mês seguinte, mais 3. E eles não pararam mais de se multiplicar.

Hoje, fui cortar o cabelo e todo chumaço que caía no chão continha fios brancos. Alguns, inclusive, eram lotados deles. Se perguntar a cor daqueles tufos que saíram das laterais, o nome é cinza. Foi então que percebi que já estou formado há quase 10 anos. Boa parte dos meus amigos estão casados, alguns com filhos e eu ali impressionado com os fios de cabelo brancos presentes em cada chumaço.

Daqui a pouco, meu cabelo vira oficialmente cinza. No começo, um tom mais escuro. Depois vai clarear até que se torne branco, talvez com manchas amarelas. Isso se eu tiver sorte e saúde para chegar lá.

Um corte do meu cabelo costuma demorar uns 30 ou 40 minutos. Tempo em que eu não posso fugir para a tevê ou para a internet. Fico ali parado de frente a um espelho que eu mal enxergo por estar sem óculos. É o momento perfeito para pensar na vida. Aquela que me ocupa entre um corte e outro.

ENTREVISTA TOP

- Qual é a sua opinião sobre a legalização da maconha?
- Aceita que dói menos.
- Fale mais sobre o assunto.
- O choro é livre.
- E o aborto? Você tem opinião formada?
- Mimimi.
- Como?
- Chola mais.
- Não entendi.
- Você é muito Nutella.
- Oi? É um elogio? Nutella é bom...
- Tava fazendo um snap.
- Tá. Voltando à entrevista, o Donald Trump...
- Monstro!
- Você acha ele um monstro?
- Mito!
- Monstro ou mito?
- Top.
- Uma citação?

— A zuera não tem limites.

— Tá. Conversamos aqui com o comentarista de Facebook M. L. K. Zika.

— É Muleke Zika.

— Ah, Muleke!

LAVANDERIA

VOVÓ
JULIA

Era uma quinta-feira de verão e eu voltava para casa a pé depois de umas biritas. A rua estava toda molhada devido a um famoso toró. Acreditava eu que minha única preocupação nos próximos quatro minutos seria não pisar numa pedra solta da calçada para não respingar água suja em mim.

Até que olhei para o lado e senti o golpe. Um papel manuscrito indicava na porta do estabelecimento:

“Fechado

Encerrou as atividades”.

Não era um lugar qualquer. Era a Lavanderia Vovó Júlia. Aquela que nunca manchou nem sequer uma roupa minha. Mas também nunca lavou nada que já tenha morado em meu armário. Acho, inclusive, que eu nunca entrei naquele imóvel.

Então, por que cargas d’água esse diabo está encasquetando com a lavanderia que vai fechar e que ele nunca ajudou a manter?

A lavanderia pode fechar. Por mim, não há problemas. O que dói é saber que aquele muro não terá mais a tinta que escreve “Lavanderia Vovó Júlia”.

Há 31 anos, eu frequento essa região. Via tal sequência de letras antes mesmo de aprender a ler. Passava ali ao lado diariamente depois do colégio, desde o jardim até o terceiro. E sigo passando com frequência, enquanto o muro continua ali, com a Vovó Júlia me vendo crescer e envelhecer.

Por diversas vezes, o imóvel mudou de cor. Mas a fonte e a disposição das palavras sempre foi a mesma. E, agora, depois de mais de 3 décadas sendo cenário da minha vida, vão ter a pachorra de mudar?

O estabelecimento pode virar o que for. Sapataria, barbearia, padaria. Tanto faz. Só peço, encarecidamente, ainda que sem esperança: não pintem o muro onde ainda mora um pouquinho da minha infância.

BRIGAS

Minha história de porradaria começou aos 5 anos. Antes, eu já havia brigado bastante, mas nunca como naquela tarde em um camping. Meu irmão queria descer o escorregador. Um moleque chato não deixava e insistia em subir o brinquedo pela contramão. Eu tentei as vias pacíficas, falei pra ele sair de lá, até que decidimos resolver em um duelo.

Round one, fight! A gente se encara e empurro o rapaz. Ele, também beirando os 5 anos, toma uma atitude que eu nunca tinha visto antes: fecha as mãos e acerta um soco na minha cara! Em nenhuma briga de que eu havia participado até então valia soco na cara. Apanho e abro o berreiro. Assim, começo minha carreira de lutador com um cartel negativo.

Três anos depois, volto a ter uma derrota. Nesse caso, nem uma briga era. Eu estava sentado, tranquilo e pentelho, provocando um moleque enquanto ele jogava bola. “Pereba! Pereba! Uh! Errou de novo!” E, a cada gol perdido pelo perna de pau, eu me divertia mais. Até que ele cravou seu kichute no meu olho. E assim tive o primeiro olho roxo da minha vida.

Aos 11 anos, mais uma vez, apanhei sem entrar na briga. Quer dizer, mais ou menos. Um rapaz corria enfurecido para bater em um amigo meu. Assim que ele passou pela minha frente, quase por instinto, resolvi deixar o pé. Ele levou um tombo, mas levantou em tempo recorde. Não deu nem para pensar em entrar numa briga e ele já havia cravado o joelho no meu nariz, abrindo uma torneira de sangue. Como vingança, peguei um pé do chinelo dele e joguei no bueiro. Mais uma derrota para o meu cartel.

Aos 12 anos, no recreio, teve uma confusão entre o time da minha sala e um da sétima série. Na muvuca, avisei um rapaz deles: te pego na saída. O problema é que, quando chegou a hora da saída, eu nem queria mais brigar. E eu percebi que ele também não. Ele iria embora tranquilamente se eu ficasse quieto. Mas já não tinha escolha. A federação dos valentões do colégio não permitia que alguém falasse que ia ter briga e depois cancelasse. E lá fui eu, sem ânimo, resolver a treta. Partimos para a trocação até que ele acerta um soco na minha boca. Resultado: meu lábio fica

inchado e o dedo dele quebrado. Apesar da fratura, ele vence a briga. Mais um revés para a minha conta.

No ano seguinte, chego na sala de aula e vejo um amigo de boné para trás. Sem pensar muito, dou um peteleco que derruba o acessório. A resposta é desproporcional: um soco que deixa meu olho roxo e o nariz sangrando. Depois, ele chorou e pediu desculpas. Mas só em 2015 descobri o real motivo daquela reação: dois colegas já haviam derrubado o boné dele e aquilo se repetindo duas vezes o irritou profundamente.

Eu tive também algumas boas vitórias. Uma bolacha na cara de um chato maior e mais velho que me pentelhava na saída do colégio. Teve outro que tentou me chutar, eu segurei seu pé e joguei seu corpo pela quadra molhada para ver se secava um pouco. Tive também belos ground and pounds em caras que, anos depois, viraram armários. Um, inclusive, hoje é professor de muay thay. Se ele quiser revanche, sinto muito. Estou aposentado das brigas.

Uma coisa que não entendo depois de todo esse passado malaco é que em toda briga no colégio a reação das professoras era a mesma: “você? Não acredito!” Elas achavam que, só porque tirava notas boas, eu era um bom elemento. Ingênuas!

Depois dos 14 anos, parei de vez com as brigas. Menos no Twitter. Lá, eu sigo bloqueado pelo Requião.

JULIA DA COSTA 1181

Respeito muito quem faz tatuagem de um desenho simplesmente por achar bonito, mas eu não consigo. Talvez meu caso seja o de um neurótico por significados. Mas, fazer o quê!?

Com o tempo, surgiram diversas ideias do que gravar na pele. Hoje, três delas sobrevivem. Duas são frases, quem sabe um dia eu realize. Mas tem uma que me faria encarar a agulha agora. É, de longe, a vencedora.

A ideia é reproduzir uma casa localizada na Alameda Julia da Costa, 1181, dos anos oitenta e início dos noventa. Hoje, naquele local, há um prédio bonito. Mas o que eu queria imprimir na minha pele é a casa que existia antes, com o portão pequeno onde qualquer um conseguia entrar sem esforço. Com os muros também baixos e uma grade negra que era mais enfeite do que utensílio de segurança. Uma casa inimaginável hoje em dia. Só viável em condomínios.

Naquela casa, derrubada em 1994, mora a minha infância. Minha inocência, meus banhos de mangueira, meu tico-tico e a piscina de mil litros continuam lá.

Lá também moram minha mãe e minha avó, esbanjando saúde para sempre. Além da Marçoca, do Dado e da Rosa.

Lá, a gente joga bola em cima da garagem. Mas a mureta é baixa e, volta e meia, a bola rola rua afora e só para na Big Pizza, no fim da rua. Também jogo futebol na sala e quebro toda a vidraça do lado da porta/gol. Só no quintal de trás que não tem como chutar uma pelota. Muito inclinado.

Naquela casa há um banco desses de praça que eu adoro. De lá, olhava escadaria abaixo como quem está no cume de uma montanha. Se eu pudesse, sentaria ali agora e olharia por horas cada detalhe daquele lar.

Lembro que, lá pela quinta série, tive que fazer uma poesia para a escola. Resolvi homenagear a minha ex-casa. Não lembro do poema, apenas do triste último verso: “essa é a casa onde eu nunca mais vou morar”.

Voltando à tatuagem, tomei a decisão de fazer. Mas a foto da fachada teimou em sumir. Procurei por tudo. Até dinheiro perdido eu achei. Mas nada da foto.

Ainda não desisti. Um dia, hei de encontrar esse retrato. Aí passarei para a pele e nunca mais perderei aquela imagem. Enquanto isso, me contento em transformar a Julia da Costa, 1181 da minha infância nessas mal traçadas linhas.

CARTA PARA AS CARTINHAS DE AMOR

Oi, lembra de mim? Bruno Leite. Faz tempo que a gente não se vê. Acho que uns dez anos, não é mesmo?

Não sei ao certo o que nos afastou. Talvez tenha sido minha ranzinze. Ou talvez eu tenha virado um coração de pedra. Além de quê, não me leve a mal, as pessoas primeiro te trocaram por e-mails, depois por messengers. Somos uns bobos. Não é a mesma coisa. Cadê aquela emoção de colocar um papel dobrado embaixo de uma porta ou dentro de uma mochila sem que ninguém veja? E os dois risquinhos azuis sem resposta? A gente precisa de uma crueldade dessas?

Mas, no meu caso, foi por outra coisa que você foi trocada. Talvez seja um baque, mas acredito que a gente nunca mais se encontrou porque eu comecei a beber. Faz uns 10 anos, também. E aí, em vez de desabafar escolhendo letra por letra o que pôr no papel, resolvi despejar as letras que viessem primeiro para quem estivesse no bar comigo. Ou, pior, digitando qualquer bobagem no WhatsApp.

O problema é que o desabafo da cachaça vira vento. Ou deboche, caso algum sóbrio esteja por perto. No máximo, dura alguns meses no telefone da amada. Mas vai se perder. Já você... Você é insubstituível. Você fica guardada numa caixa escondida como se fosse uma joia preciosa. E não tem cópia em HD, não dá para ser acessada em qualquer lugar do mundo. Você é especial.

Porra! Que saudade! Lembra daquelas poesias horríveis que eu escrevia em você? Sempre tentava uma rima besta. Por quê!? Tanto sentimento bonito que não rima e eu querendo me expressar escrevendo Batatinhas Quando Nascem piratas. Ah, a juventude!

A melhor parte era colocar trechos de músicas. Na falta de talento para escrever algo bonito, bora usar frase dos outros. Disso não me envergonho. Hoje, acho que mandaria a letra de Duetto do Chico Buarque. Piropo puro!

Pois bem, minha querida amiga. Espero que você esteja bem e forte nas mãos dos apaixonados. Quem sabe a gente não se esbarra no futuro. Vai saber! E, para encerrar e lembrar os velhos tempos (além de burlar a contracapa), me arrisco em um pequeno poema.

“Talvez seja um abismo
Mas, até o chão chegar,
Você me fez voar”

Droga! Rimou.

JIRAYA

DE
MANGAS
CURTAS

A vó Lenira foi, possivelmente, a pessoa mais importante da minha vida. Ou, ao menos, dos primeiros 30 anos. Ela sempre foi muito mais do que uma avó, ainda que exercesse sua função de vó com maestria.

Levantava cedo, me levava para a escola, fazia almoço, me ajudava a estudar para a recuperação de História, dava carona para festinhas, para casa de amigos, tocava violão e me colocava para ninar nos primeiros anos de vida. Enfim, a vó Lenira era demais.

Ao contrário de mim que, apesar de dedicar este livro à memória dela, venho aqui escrever um texto logo para criticá-la. Justo quando ela não está aqui para se defender. Mas fazer o quê? Sou sujeito ruim.

Para você ter uma ideia, vou remoer aqui uma história de 1992. Tudo bem que o ano foi parecido com o de 2016, com impeachment, ouro pro vôlei masculino brasileiro, tragédia envolvendo artista da novela das oito da Globo e eleição do Greca como prefeito de Curitiba. Mas as semelhanças param por aí.

Em 1992, meu grande ídolo era o Jiraya. Para manifestar minha devoção para o mundo, todo dia eu vestia a mesma roupa: minha fantasia de Jiraya. Foi assim em junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e... Chegou a hora de criticar a vó Lenira.

Percebendo minha afeição pela vestimenta do herói japonês ao mesmo tempo em que a temperatura curitibana começava a subir, a vó Lenira teve uma ideia que unia o útil ao agradável: cortar as mangas e as canelas da minha fantasia. Assim, eu continuaria usando minha roupa preferida, mas sem sentir calor. Lá foi ela em sua máquina de costura deixar tudo bonitinho com o maior amor do mundo. Sem saber que tinha um neto mal-agradecido e extremamente apegado ao uniforme tradicional do Jiraya.

Eu fiquei muito, muito puto! O Jiraya, em episódio nenhum, aparecia de bermuda e camiseta. Aquela roupa, a partir daquele momento, era rebaixada ao nível de qualquer conjunto do Pateta que vinha com uma

bermuda e camiseta. Não fazia mais de mim um grande ninja.

E o pior é que, com seis anos, a gente não sabe sorrir e agradecer só por educação. Eu chorei, esperneeiei, deixei claro que não era nem um pouco grato àquela atitude. Ela ficou triste e até pediu desculpas, como se devesse desculpas para um piá desgraçado que nem eu. E não acredite no tom dessas palavras. No fundo do coração, eu acho que nunca perdoei essa boa vontade da vó. Sério! Por que ela foi cortar minha fantasia!?

Dizem que ninguém é perfeito. A vó Lenira, na minha vida, passou perto de ser. Só não foi por causa de uma tesoura.

GOSTOU DESSE LIVRO?

Leia também

*“Contos, crônicas e um
continente à sua escolha”.*

Não gostou?

Desculpa.

Eu entrevistador falando comigo mesmo em terceira pessoa num estilo meio Pelé/Edson: o curitibano Bruno Leite é redator publicitário desde 2007, formado pela Universidade Positivo. Já trabalhou em agências de Curitiba como OpusMúltipla, Master e hoje está na Heads Propaganda. Ou melhor, em férias. Enquanto isso, trabalha em seu primeiro livro que, em breve, deve ser lançado. E é desta obra que vamos falar nessa entrevista. Olá, Bruno. Seu livro de estreia já tem título?

BL: Olá. O livro já tem nome, sim. É ‘Contos, crônicas e um continente à sua escolha’. (Pausa.) É um romance.

E: Romance?

BL: Brincadeira. É de contos e crônicas, mesmo.

E: Por que a escolha deste título? Tem algum texto que remete ao jogo War? Ou é uma homenagem a um jogo que você gosta muito?

BL: Até tem uma crônica que faz uma pequena referência a War. E eu até gostava do jogo, mas sempre achei muito demorado. Gostava mais de Banco Imobiliário e Detetive. Mas isso não tem nada a ver com o título. Foi o primeiro em que pensei e fiquei com preguiça de pensar em outros.

E: E como surgiu a ideia de fazer o livro? Por que você resolveu escrevê-lo?

BL: Os contos, a princípio, eu escrevi em forma de esquete. A ideia era mandar pro Porta dos Fundos e torcer pra eles gostarem, gravarem e me deixarem milionário. Eu até cheguei a mandar uma para eles. E o Gregorio Duvivier surpreendentemente respondeu e até elogiou. (Por pena, provavelmente.) Mas disse que eles já tinham um grande volume de textos e não estavam pegando outros de fora. Aí eu deixei estas esquetes dormirem por mais de um ano. Enquanto isso, me deu vontade de escrever textos aleatórios. Foi então que percebi que já existia uma quantidade capaz de preencher um livro. Era só organizar e montar. O primeiro passo foi pegar as esquetes e transformá-las em contos. Com

isso, não precisei mais pensar em dificuldades de produção. Aí o projeto do livro me animou a escrever novos textos. E então, algum tempo depois, decidi que o livro estava pronto.

E: Além do Porta dos Fundos, quem mais você apontaria como as suas principais influências?

BL: Influências, expectativas e dicas para quem está começando, eu me nego a responder. Acho perguntas escrotas.

E: Ih, deu chilique. Então, reformulando: existem homenageados no livro?

BL: Chilique é o carai... Ah, sim. É um livro lotado de homenagens. O Atlético Paranaense, meu time do coração, é homenageado diretamente em umas três crônicas. O futebol em si é bastante lembrado. Também tem crônicas que homenageiam pessoas queridas, como minha mãe, meu pai, meu irmão e grandes amigos. Tem uma crônica cujo título é uma homenagem ao filme *Boyhood*. Tem até homenagem a políticos locais e nacionais. E, nos contos, eu coloquei nomes de amigos em quase todos os personagens. A personalidade não tem nada a ver com os homenageados. Escrevi primeiro os contos com nomes quaisquer e depois tive a ideia de trocar para citar pessoas queridas.

E: Você é redator publicitário. A publicidade aparece como uma destas homenagens da obra?

BL: Não. Na maioria das vezes, acho chato publicitário falando de publicidade. Há quem fale bem e coisas novas. Mas eu acho mais divertido fazer. E, inclusive, fiz uma campanha de divulgação do livro com a colaboração de outros redatores da Heads e do Marcos Coqs. Quando o livro estiver pronto, a campanha sai.

E: E já tem editora?

BL: Não, nem fui atrás. A ideia é fazer um livro praticamente artesanal. O Marcos Coqs — diretor de arte curitibano, calhorda e meu grande

amigo — fez a capa, a diagramação e está terminando as ilustrações. O meu irmão Bernardo revisou. Ainda vou pedir ajuda (ou trabalho gratuito, como queira) a mais algumas pessoas e devo enviar para uma gráfica. Depois, tento vender pros amigos para diminuir o prejuízo financeiro das impressões. E, se ninguém comprar, começo a dar de presente de aniversário para não ficar com caixas cheias de livros emperrados em casa.

E: Já tem uma previsão de data para o lançamento?

BL: Espero que no mês de março esteja tudo pronto. Falta pouca coisa. Vamos ver se rola.

E: Bate-bola, pingue-pongue, jogo rápido. Um número?

BL: 3,14.

E: Pi?

BL: Papaparopo.

E: Uma citação?

BL: “A mão que taca pedra é a mesma que apedreja.”

AGRADECIMENTOS

Ao Fabio Miraglia, pela criação da capa e por assinar as minhas férias anualmente.

Ao Thiago Ferreira, pela diagramação e pelas balas de Antonina que traz volta e meia.

Ao Bernardo Leite, pela revisão e pela freguesia futebolística virtual.

À Bianca Mascarenhas, pela produção gráfica e pelos brilhantes comentários do cotidiano.

Ao Maico Melo, pela finalização, mesmo sendo zagueiro. Risos.

Ao Bruno Barros, pela cocriação de materiais de divulgação. Além de ter um nome incrível.

Ao Jorge Uesu, por incentivar a criação do projeto no Catarse e pelo belíssimo vídeo de divulgação.

Ao Lucas Sfair e toda equipe da Canja, pela belíssima marchinha de carnaval que compuseram para divulgar o livro.

Ao Danilo Nagami, pelo belíssimo vídeo feito para abrilhantar a marchinha de carnaval acima descrita.

Ao Tio Toninho, por ajudar a financiar este livro e por ser um tio fantástico. Mas precisa ouvir mais o sobrinho quando o assunto é futebol.

Ao Ricardo Leite, por ajudar a financiar este livro, por ser um pai formidável e por ter conseguido ingresso para a gente assistir a Atlético 4 x 2 São Caetano, em 2001.

Ao Augusto Bernoldi, por ajudar a financiar este livro, por ser um primo sensacional e por dar figurinhas repetidas do álbum do Brasileirão de 96.

À Bilu Lages, por também ajudar a financiar este livro e pelos bolos de cenoura que fazia quando ia de carona comigo para a faculdade.

À Amanda Freitas, a popular Mandica, por ajudar a financiar este livro e por sempre concordar comigo nas críticas ao Argo.

Ao Bruno Pereira, por ajudar a financiar este livro e por ser meu poeta preferido. Inclusive, foi dele que roubei descaradamente o poema de “Carta para as cartinhas de amor”.

Ao Gerson Scheid, por – advinha? – ajudar a financiar este livro e por brilhar muito no casamento do casal Prox.

Aos demais financiadores. Também brilhantes e incríveis.

E ao Alex Mineiro, pelos gols de 2001 (nunca cansarei de agradecer).

Muito, muito obrigado.



BRUNOMILK@GMAIL.COM



/BRUNOMILK



BRUNOLEITE.WORK



/BRUNOMILK



/BRUNOMILK



-FOTOLOG.NET/BRUNOMILK-

Este é um livro de crônicas. E, em livros de crônicas,
poemas ficam de fora. Como a contracapa ainda é fora,
vai aí um poema que escrevi aos 11 anos.

A cadeira

*A cadeira é inocente
E conforta muita gente
Mas podem usá-la violentamente*

*Quando a cadeira está bamba
É melhor não sentar
Pois, se arriscar,
O chão vai rachar*

